

# CABALA TERAPIA

## Introdução

Nas gerações passadas, os temas de saúde e cura eram estudados principalmente por aqueles da área médica. Entretanto, atualmente o conhecimento destes campos não somente estendeu-se ao público em geral, como mais do que nunca, novas idéias estão sendo divulgadas, tanto em termos de técnica aplicada e discussão teórica no mundo da medicina, como no âmbito e natureza da própria cura.

A medicina convencional, que antes tendia a procurar a causa imediata de uma doença observando empiricamente seus sintomas, agora abriu sua pesquisa às origens psicológicas e espirituais das doenças, e nossa capacidade de nos recuperarmos delas. Aquilo que já foi uma predisposição médica de separar o corpo e seus sistemas físicos da pessoa interior começou a mudar. A abundante popularidade de novas alternativas médicas criou um imenso supermercado de novos tratamentos, que estão constantemente desafiando nossas idéias sobre a natureza da saúde e da cura.

Tendo isso em vista, é mais adequado que a duradoura tradição de cura e práticas médicas dentro do judaísmo em geral e na Cabalá em particular seja apresentado. Esta obra foi escrita para a pessoa que deseja começar a adquirir um entendimento da grandeza desta tradição e sua sabedoria a respeito da natureza do corpo e suas raízes espirituais. Além disso, a singularidade da Cabalá, em sua capacidade de interpretar sistematicamente todos os métodos de cura secular e suas correlações espirituais, será demonstrada aqui.

## A imagem de D'us

*"E disse D'us: 'Façamos o homem à nossa imagem, à nossa semelhança.'"*

Um dos ensinamentos mais básicos da Cabalá é o sistema das dez sefirot, ou canais da Divina força da vida. Como conceito, uma especial atenção deve ser prestada ao termo sefirot, pois seu significado flutua segundo o contexto no qual é usado.

Ao falar de nossa percepção da Divindade, a maneira pela qual a Divindade - a auto-expressão de D'us - é percebida, as dez sefirot são entendidas como dez manifestações da Divindade. Encontramos este fenômeno refletido nos dez Nomes essenciais para D'us, cada um dos quais corresponde a uma determinada sefirá.

Ao refletir como esta demonstração da Divindade é projetada na experiência de vida de um ser humano, as sefirot tornam-se inteligíveis como os dez poderes da alma. Aqui, uma pessoa pode relacionar todas as facetas da condição humana a estas dez propriedades básicas. Estas, por sua vez, tornam-se os instrumentos conceituais para a contemplação e análise de nós mesmos e nosso serviço a D'us.

Finalmente, descobre-se que as sefirot são também consideradas as forças estruturais básicas, orquestradas para formar nossa realidade exterior. Todos os mundos nos quais habitamos, tanto físico quanto espiritual, exibem o mesmo arranjo de características celestiais.

Para resumir, cada sefirá ou canal pode ser compreendido como um módulo da manifestação Divina com respeito à nossa percepção da Divindade - uma força criativa que age por trás dos bastidores para criar mundos, ou de forma mais pessoal, as propriedades básicas ou poderes da alma.

A tabela abaixo resume as sefirot, conforme elas se aplicam aos poderes da alma e à própria experiência interior da pessoa:

Sefirá		Poder da Alma	Experiência interior
keter	coroa	supra-consciência	fé, prazer e vontade
chochmá	sabedoria	percepção	altruísmo
biná	entendimento	análise	júbilo
da'at	conhecimento	concentração	unificação
chessed	bondade	doação	amor
guevurá	poder	restrição	temor
tiferet	beleza	equilíbrio	misericórdia
netzach	vitória	superar obstáculos	confiança
hod	agradecimento	perseverança	sinceridade
yessod	alicerce	auto-realização	verdade
malchut	reino	influência sobre o ambiente da pessoa	inferioridade

## A Anatomia Humana

O próximo estágio de reflexão sobre os poderes da alma é meditar sobre como a Cabalá Clássica relaciona estes poderes aos aspectos da anatomia humana. Esta identificação dos poderes espirituais com membros do corpo ilustra o pensamento cabalista de hitlabshut ("revestimento") no qual uma realidade superior é revestida em uma inferior. Neste exemplo, um poder da alma é a realidade superior que é revestida e se expressa por meio de uma realidade inferior, por exemplo, um recipiente físico como um membro ou órgão do corpo.

É importante notar que na literatura tradicional da Cabalá, coloca-se grande ênfase na correlação entre as sefirot celestiais e os membros e órgãos físicos do corpo humano, saltando diretamente de um plano do Divino ao plano do físico. Somente em um estágio posterior no desabrochar histórico da revelação da sabedoria oculta da Torá, o Báal Shem Tov e seus discípulos revelaram e descreveram em detalhes os correlatos psicológicos tanto das sefirot celestial e seus paralelos físicos. Estes correlatos psicológicos servem como intermediários espirituais através dos quais as sefirot Divinas podem de fato tornar-se revestidas e refletidas nos membros físicos do corpo.

A correspondência apresentada na Cabalá entre as sefirot e os membros do corpo pode ser resumida da seguinte forma:

Sefirá		Partes correspondentes do corpo
keter	coroa	crânio
chochmá	sabedoria	cérebro (especificamente o lobo direito do cérebro)
biná	entendimento	coração (relacionado com o lobo esquerdo do cérebro)

da'at	conhecimento	lobo posterior do cérebro
chessed	bondade	braço direito
guevurá	poder	braço esquerdo
tiferet	beleza	torso
netzach	vitória	perna direita
hod	agradecimento	perna esquerda
yessod	alicerce	órgão procriador
malchut	reino	boca (também associada à coroa na extremidade do órgão procriador)

Keter manifesta-se no corpo como o crânio. Assim como uma coroa circunda a cabeça, da mesma forma, relativamente, o crânio é a coroa do corpo. O crânio ainda sugere a idéia de colocar um horizonte em nosso campo da experiência consciente. Dando definição à mente e limites a sua capacidade de expandir-se e inflar, a consciência está sempre cercada por uma fronteira de experiência inconsciente que por si mesma dá forma à consciência.

Chochmá, de todos os poderes mentais, é considerado como sendo a mente essencial ou a "mente dentro da mente." Conseqüentemente, biná relativo a chochmá, além de referir-se ao próprio coração (o assento físico da experiência emotiva nascida do entendimento da mente), pode ser considerado como o relativo "coração dentro da mente." Esta distinção também se representa no corpo, onde chochmá está posicionado no lobo direito e biná no lobo esquerdo do cérebro. O terceiro elemento adicional, da'at, está localizado no lobo posterior do cérebro, no ponto em que o cérebro encontra a espinha - a posição do lobo occipital.

Quanto aos três atributos emotivos do coração, encontramos que o braço direito incorpora chessed, e o braço esquerdo, guevurá. Isso é mencionado no versículo "Seu braço esquerdo está sob minha cabeça, e seu braço direito me abraça" e no dito de nossos Sábios: "Deixe o braço esquerdo empurrar, e o braço direito aproximar." "Empurrar, neste contexto, significa desengatar, dando à outra parte um senso de independência (antes de puxá-lo para perto). Similarmente, a imagem de "seu braço esquerdo está sob minha cabeça" significa que ele nutre minha consciência de auto-independência (antes de abraçar-me com seu braço direito). A posição de equilíbrio da beleza, aquela que vincula todas as partes do corpo em geral e está centrada entre os braços em particular, é o torso.

Das propriedades comportamentais da alma, aquelas de netzach e hod correspondem às pernas do corpo. As pernas representam o primeiro e mais contínuo contato com a realidade exterior. Além disso, as pernas facilitam o movimento do corpo como um todo, levando a pessoa aonde quer ir. Netzach é a qualidade de "colocar para frente o melhor pé da pessoa" numa postura afirmativa. Hod é a perna esquerda, que mantém o movimento de uma pessoa em curso, monitorando e validando seu avanço afirmativo. Finalmente, a propriedade de yessod é mencionada como o "sinal do Pacto Sagrado," que corresponde aos órgãos reprodutivos, feminino e masculino. Mencionado como "a conclusão do corpo," yessod é a manifestação física do corpo de sua própria capacidade de se realizar, bem como conectar-se e se comunicar com os outros.

O último poder da alma manifesta-se na boca. Malchut (reino) é o domínio da influência de uma pessoa. Como está escrito, "A palavra do rei governa," significando que o alcance do governo do rei é marcado pela distância que sua palavra viaja. A capacidade de falar da boca, de se auto-expressar, é o poder de afetar o ambiente da pessoa, seu próprio mundo.

## Três vezes três

Da análise anterior, vimos que os poderes da alma estão divididos em três níveis gerais de consciência - intelecto, emoção e características comportamentais - cada uma das quais ainda se divide em três (direita, esquerda, e mediana).

Acima do intelecto está o keter supra-consciente, que na Cabalá é considerado um adjunto do intelecto. Entende-se que o intelecto refere-se a qualquer estado de percepção direta da realidade (em contraste com as emoções, que são reações subjetivas ou experiência da realidade). Todos os níveis inerentes ao keter são de fato níveis super-rationais de intelecto, os quais, através do serviço Divino, podem ser levados à percepção direta da consciência da alma (como inspiração Divina). Muitas vezes, na Cabalá, o próprio trio intelectual - conotado "o três inicial" - é considerado como sendo composto das três sefirot de keter, chochmá e biná (sem contar da'at).

A sefirá final, malchut, é sempre considerada um adjunto das características comportamentais da alma, que são freqüentemente consideradas, quando se inclui o malchut, como sendo quatro - netzach, hod, yessod e malchut. Como uma característica comportamental, malchut é a maneira natural da pessoa, ou modo de falar. Pela fala de alguém, a pessoa se relaciona e "lidera" o comportamento de outras. Assim, malchut serve como uma ponte entre a maneira comportamental de alguém e o dos outros.

A divisão básica dos poderes da alma em três, e dos três em três, reflete-se no corpo humano de várias maneiras. Descreveremos aqui duas delas, em resumo:

1 - Na Cabalá, aprendemos que o corpo humano como um todo e cada um de seus membros divide-se em três segmentos ou juntas.

Quanto à completa estatura do ser humano, estes são a cabeça, o corpo e os pés. Claramente, esses espelham os três níveis gerais da alma: intelecto, emoções e características comportamentais.

Cada um desses ainda se subdivide em três: três lóbulos do cérebro; dois braços e o torso; e duas pernas e o órgão procriador (considerado pela Cabalá como uma "terceira perna").

E assim com respeito a cada um dos membros em particular: cada braço, cada perna, e até cada dedo está dividido em três segmentos ou juntas. E assim ocorre com partes menores e menores do corpo.

Na Cabalá, este fenômeno geral é entendido para indicar que cada parte do corpo possui um início, meio e fim; uma cabeça, um corpo, e pés. Este fenômeno é uma das mais importantes indicações da santidade intrínseca do corpo humano.

Espiritualmente, isso significa que todo membro possui intelecto (cabeça), emoção (corpo), e características comportamentais inatas (pés).

2 - Se visualizarmos a cabeça humana como uma esfera, três grandes círculos são aparentes, cada um definindo um plano circular da esfera e uma dinâmica de movimento circular em torno do eixo que corre através do plano. Os três planos da cabeça continuam a refletir-se nas partes inferiores do corpo.

Movimento - a dinâmica mais básica da vida - é primeiro e acima de tudo uma propriedade dos olhos, que definem o primeiro e mais elevado dos três planos da cabeça. Como os três planos

descendem no corpo (em última instância para atingir o plano das pernas), o movimento físico torna-se mais pronunciado.

Na cabeça, os olhos definem o plano horizontal; as orelhas definem o plano vertical da direita para a esquerda; e o nariz e a boca definem o plano vertical da frente para trás.

Em geral, estes três planos correspondem às três sefirot do intelecto: chochmá, biná e da'at. Os olhos, através dos quais se manifesta o sentido da visão, correspondem à chochmá - a sabedoria interior da alma é a visão espiritual. Os ouvidos, pelos quais se manifesta o sentido da audição, correspondem à biná - a compreensão interior da alma é a audição espiritual. O nariz e a boca, através dos quais se manifestam os sentidos do olfato e paladar, correspondem à da'at - o conhecimento interior da alma é o olfato e o paladar.

Estes três planos circulares são manifestados em outros dois locais do corpo humano.

Na boca, os dentes definem o plano horizontal, o plano da sabedoria; os lábios - visualize o círculo formado por lábios abertos - definem o plano vertical da direita para a esquerda, o plano do entendimento; a língua - visualize o círculo formado pela curva da língua em direção à garganta - define o plano vertical da frente para trás, o plano do conhecimento.

No corpo em si, o torso - fazendo uma rotação ao redor de seu eixo - define o plano horizontal, o plano da sabedoria; os braços - levantados e abaixados - definem o plano vertical da direita para a esquerda, o plano do entendimento; as pernas - caminhando ou pedalando - definem o plano vertical da frente para trás, o plano do conhecimento.

### **As quatro letras do nome de D'us**

Talvez o modelo mais fundamental da Cabalá é aquele baseado nas quatro letras do nome essencial de D'us, Havaya. As próprias dez sefirot são de fato apenas manifestações do Divino processo, representado por estas quatro letras.

Embora a essência do nome Havaya esteja acima de um significado, etimologicamente é derivada do radical hebraico que significa "existência", e pode ser lido "Aquele que continuamente traz [toda a realidade] à existência." Isso nos ensina que podemos conceber "existência" ou "vida" em termos de uma estrutura expandida de quatro estágios.

A sefirá transcendente do keter é indiretamente referida pela pontinha superior da primeira letra do Nome, o yud. O yud, um "ponto formado," corresponde à sefirá primária de chochmá; o primeiro hê para a compreensão expansiva da sefirá da biná. O vav (cujo valor numérico é seis) corresponde aos seis atributos emotivos, de chessed a yessod. O hê final corresponde ao domínio da sefirá de malchut.

### **Os três modelos básicos**

A palavra "Cabalá" deriva da raiz hebraica cujo significado original na Bíblia é "fazer paralelos." A Cabalá analisa toda a realidade "em paralelo" aos modelos básicos ou estruturas de referência.

Acima, discutimos os dois modelos mais básicos, que consistindo de dez níveis ou estágios de desenvolvimento, as dez sefirot, e a ainda mais fundamental estrutura de referência, o "carimbo de toda a criação," as quatro letras do Nome essencial de D'us. Também vimos como o segundo modelo encerra também o primeiro.

Há um terceiro modelo básico ou estrutura de referência na Torá - as vinte e duas letras do alfabeto hebraico. Relativamente, as dez sefirot são chamadas de "luzes" e as vinte e duas letras de "recipientes." Juntas, as dez sefirot e as vinte e duas letras tornam-se as "trinta e duas trilhas da sabedoria" através das quais D'us criou o mundo.

As vinte e duas letras subdividem-se em três categorias de 3, 7 e 12. Quanto às sefirot (e num certo sentido, ainda mais, pois as letras são recipientes, ao passo que as sefirot são luzes), as letras correspondem aos membros individuais e órgãos do corpo.

As três letras "mãe" - alef, mem e shin - correspondem aos três "elementos" básicos da criação - ar, água e fogo - e as três divisões gerais do corpo: peito (ar), abdômen (água) e cabeça (fogo), respectivamente.

Letra	Elemento da criação	Parte do corpo
shin	fogo	cabeça
alef	ar	peito
mem	água	abdômen

As sete letras "duplas" - bet, guimel, dalet, caf, pê, resh, tav - correspondem no corpo aos sete "portais" da cabeça (cada um serve como portal para os sentidos da visão, audição, olfato e paladar, a sensação da realidade externa, para entrar na consciência da alma). Cada portal, quando santificado, serve como um portal através do qual recebe-se um dom Divino ou bênção:

Letra	Dom	Portal da cabeça
bet	sabedoria	olho direito
guimel	riqueza	ouvido direito
dalet	filhos	narina direita
caf	vida	olho esquerdo
pê	governo	ouvido esquerdo
resh	paz	narina esquerda
tav	favor	boca

As doze letras "simples" - hê, vav, zayin, chet, tet, yud, lamed, nun, samech, ayin, tsadic, cuf - correspondem aos doze membros básicos e órgãos do corpo. Cada um destes "controla" (muitas vezes de forma misteriosa, pois nenhum relacionamento óbvio é aparente) um sentido espiritual ou talento da alma (os talentos particulares de cada uma das doze tribos de Israel):

Letra	Sentido/Talento	Membro/Órgão
hê	fala, expressão	perna direita
vav	pensamento, contemplação	rim direito
zayin	caminhar, progresso	perna esquerda

chet	visão, percepção	mão direita
tet	audição, entendimento	rim esquerdo
yud	ação, retificação	mão esquerda
lamed	tato, sexualidade	vesícula biliar
nun	olfato, sensibilidade	intestinos
samech	sono, sonhos	baixo estômago
ayin	raiva, indignação	fígado
tsadic	comer, paladar	alto estômago
cuf	riso, exuberância	baço

### As dez sefirot dentro da boca

Baseado no princípio de inter-inclusão, a Cabalá vê em cada um dos membros do corpo um reflexo e manifestação do corpo inteiro com todos seus membros. (A partir daí, fica claro o rumo do agora-conhecido fenômeno biológico de que os genes de cada célula do corpo codificam o corpo inteiro.)

Analisaremos agora vários dos membros primários do corpo desta forma - começando pela boca.

O palato corresponde à sefirá de chochmá ("sabedoria") dentro da boca. Assim como o olho interior da sabedoria sempre vivencia novos lampejos de discernimento, assim também as papilas gustativas do palato, no plano espiritual interior, invariavelmente experimentam novos sabores da verdade. Lemos em Tehilim "Prove e veja que D'us é bom." A própria palavra chochmá é lida na Cabalá como chech-ma, "o paladar do [i.e., que tem sabor] sublime."

Assim como o palato é a extensão inferior ou reflexo do cérebro, geralmente identificada com a chochmá (nas palavras do Zôhar, "chochmá é o cérebro"), da mesma forma a garganta é considerada como sendo a extensão ou reflexão mais elevada do coração, geralmente identificado com biná ("biná é o coração"). A garganta é então considerada como sendo o biná da boca. Na Cabalá, falamos da união do palato e da garganta, refletindo a união celestial da chochmá e biná (denominadas "pai" e "mãe") na boca.

A língua, que na boca corresponde ao eixo central das sefirot, possui três "centros de energia," correspondendo às três sefirot ao longo do eixo central: da'at, tiferet e yessod.

O ponto onde a língua se conecta com a garganta é o ponto de da'at, o poder de conectar, na boca. Sobre este ponto, afirma-se: "se não há da'at lá, não há biná; se não há biná, não há da'at."

O comprimento da língua em si corresponde à sefirá de tiferet na boca. Neste ponto fica o poder da "linguagem" ou "língua" (tanto em hebraico quanto em português). Na língua está a beleza da auto-expressão, a eloqüente combinação de rico vocabulário (tiferet significa "beleza").

A ponta da língua corresponde à sefirá de yessod, o sagrado pacto na boca. Sobre este centro de energia oral afirma-se que: "o pacto da língua corresponde ao pacto da carne [i.e., o órgão procriador]".

Aqui, na sua ponta, a língua toca, por assim dizer, a cavidade vazia da própria boca. Esta cavidade é de fato a essência da boca, pois como a boca em geral corresponde à sefirá de malchut - o recipiente vazio que recebe as luzes de todas as sefirot mais elevadas - desta forma, na análise

detalhada da boca, a cavidade é seu próprio nível específico de malchut, o finalzinho do eixo central das sefirot. O toque da ponta da língua na cavidade bucal é, então, uma analogia à união sexual de homem e mulher, yessod e malchut.

As mandíbulas superior e inferior, com suas duas fileiras de dentes, correspondem às duas sefirot de chessed e guevurá dentro da boca. Mastigar a comida é como processar uma idéia para torná-la digerível. Este processo depende dos dois poderes emotivos básicos da alma. Amor, chessed, motiva o desejo da alma de "integrar" as centelhas presentes na realidade externa. A força, guevurá, desempenha o papel de moinho dos dentes, quebrando a comida em partículas digeríveis, das quais se diz: "malchut [em nosso contexto, a boca] é construído [i.e., tornado capaz de desempenhar sua função de comer] pelos [estados de] guevurá."

Similares às mandíbulas superior e inferior e os dentes, os lábios, superior e inferior, correspondem às duas sefirot de netsach e hod dentro da boca. Estas "guardam" a entrada da boca do ambiente externo (na Cabalá, netsach e hod são descritos como "fora do corpo"). Além disso, os lábios servem para transmitir uma expressão da alma, mais profunda que palavras - o beijo. Aqui, eles se juntam com a ponta da língua, a união do trio netsach-hod-yessod dentro da boca. Assim como "língua" significa "linguagem," assim também "lábio" (safá) significa "linguagem" em hebraico. Isso alude à linguagem do beijo.

Assim, completamos a análise da inter-inclusão das dez sefirot dentro da boca.

Sefirá	Parte da boca
chochmá	palato
biná	garganta
da'at	ponto de contato da língua e da garganta
chessed	mandíbula superior e dentes
guevurá	mandíbula inferior e dentes
tiferet	comprimento da língua
netsach	lábio superior
hod	lábio inferior
yessod	ponta da língua
malchut	cavidade da boca

### As cores dos olhos - parte 1

Na Cabalá, aprendemos que o olho é um espelho em miniatura que reflete o homem por inteiro como foi criado à imagem de D'us, tanto no corpo quanto na alma.

O olho possui quatro cores, que correspondem tanto às quatro letras do Nome essencial de D'us, Havaya, quanto às quatro pernas do trono e carruagem Divinos.

O branco do olho reflete o yud do Nome Havaya, e corresponde ao poder da sabedoria - percepção Divina - e seus derivativos emotivos (ao longo do eixo direito da sefirótica árvore da vida), o poder da bondade. Estes são os atributos espirituais de nosso primeiro ancestral, Avraham.

Ao redor e penetrando no "mar" branco (da sabedoria) do olho, existem vasos de sangue, vermelhos, minúsculos mas visíveis. Na bênção de Yaacov a seu filho Yehudá, ele abençoa os olhos para que se tornem vermelhos por causa do vinho bom. Disso entendemos que o vinho - que em si é vermelho e até chamado na Torá de "sangue das uvas" - provoca vermelhidão nos olhos. O vermelho nos olhos reflete o hei do Nome Havaya, e corresponde ao poder do entendimento (o poder intelectual esquerdo) - a capacidade da alma de meditar sobre o Divino (o serviço espiritual mencionado na Torá, metaforicamente, como "beber vinho") - e seu derivado emotivo, a força do poder (junto com sua própria propriedade intrínseca, o poder da reverência). Estes são os atributos espirituais de nosso segundo antepassado, Yitschac.

Em geral, quando falamos da cor dos olhos - que distingue um indivíduo de outro - referimo-nos à cor da íris. Aqui, a pessoa tem olho azul, castanho ou verde, com vários matizes intermediários. Na terminologia da Torá, todas estas cores são consideradas como matizes de uma cor geral, denominada de "amarelo-esverdeado" (yaroc).

A cor específica dos olhos de cada pessoa reflete o vav do Nome Havaya, e corresponde ao poder central da mente, o conhecimento (da'at). Nossos sábios ensinam que é a da'at de cada pessoa que distingue sua personalidade da personalidade dos outros. "Assim como cada face de uma pessoa não é igual à outra, da mesma forma o da'at de cada indivíduo é diferente." Aqui, a cor específica do olho varia de pessoa para pessoa.

Da'at é denominado a "chave" que abre todas as câmaras do coração, as seis forças emotivas de chessed (bondade) a yessod (verdade, lealdade, e devoção). Estas, por sua vez, correspondem ao espectro total das cores do arco-íris. Quanto às cores específicas do olho, os vários matizes do azul correspondem ao eixo direito do coração, chessed (bondade) e netsach (vitória, confiança); os vários tons de marrom correspondem ao eixo esquerdo do coração, guevurá (poder, reverência) e hod (agradecimento, glória); as várias gradações de amarelo-verde correspondem ao eixo central do coração, tiferet (beleza, misericórdia) e yessod (verdade, lealdade, e devoção).

Embora da'at abra todas as câmaras do coração, seu maior derivativo - sua manifestação básica nas emoções - é o poder de tiferet (amarelo) e o derivativo imediato e direto do último, o poder de yessod (verde). Amarelo é a cor do sol, e verde é a cor da vegetação, nutrida pelos raios de luz solares (pelo processo de fotossíntese). Assim, entendemos por que, na terminologia da Torá, amarelo-verde é escolhido para representar a cor toda-inclusiva (cujos matizes variam de pessoa para pessoa).

Tiferet significa "beleza", definida na Cabalá e Chassidut como sendo a mescla harmoniosa de muitas cores juntas. A beleza do olho está em sua cor individual, que de certo modo reflete ou sugere o espectro completo do arco-íris.

Os atributos espirituais correspondendo à cor dos olhos da pessoa, da'at e tiferet, são aquelas de nosso terceiro antepassado, Yaacov. Sobre ele, fala-se que "sua cama é completa," com doze filhos santos, os progenitores das doze tribos de Israel. Cada tribo possuía sua própria cor, a cor de sua pedra preciosa no peitoral do sumo sacerdote e aquela exibida em sua bandeira (que assinalava seu acampamento no deserto).

Finalmente, chegamos à pupila do olho, cuja cor - ou melhor dizendo, ausência de cor - é preta. A pupila do olho é chamada pela Torá como a "filha" do olho. Na Cabalá, a figura da "filha" é sempre associada ao poder de malchut (reino), a última das sefirot, que, "nada possuindo de seu" (somente aquilo que recebe do alto), corresponde ao preto (a experiência da inferioridade existencial e distância de D'us, a propriedade interior do malchut).

Esta é a propriedade do Rei David, que disse "e serei [sempre] inferior a meus próprios olhos," claramente aludindo ao estado intrínseco de inferioridade dentro do olho, sua pupila negra.

O poder da visão emana do ponto interno da pupila. Como no início da criação, a luz brota da escuridão - "a escuridão precede a luz." O profeta declara "à distância, D'us aparece para mim," do ponto mais recôndito do estado existencial de sentir-se "distante" de D'us (o ponto interior da pupila) a luz de D'us reluz aos olhos do homem.

## As cores dos olhos - parte 2

Segundo a análise feita pela Cabalá da visão de Yechezkel (Ezequiel) dos ossos secos, os quatro componentes constituintes do corpo humano - ossos, vasos sangüíneos, carne e pele - correspondem às quatro letras do Nome Havaya. O quinto, nível espiritual que dá vida ao corpo, o espírito ("De todas as direções, vem, ó espírito, e sopra nestes corpos, para que vivam"), corresponde ao quinto nível transcendente do nome Havaya, a ponta superior do yud.

Da mesma forma, a respeito do olho - todo o corpo físico e espírito de vida está encerrado no olho - suas quatro cores correspondem às quatro letras do nome Havaya, como também os quatro componentes constituintes do corpo humano: do branco do olho aos ossos e o yud; o vermelho aos vasos sangüíneos e ao primeiro hê; a cor da íris à carne e o vav; e a pupila negra à pele e ao segundo hê. O poder de visão dos olhos corresponde ao espírito que dá a vida do corpo e ao quinto nível transcendente do Nome Havaya, a ponta superior do yud. Aqui, a ponta superior do yud aparece no ponto interior do segundo hê, no segredo de "o fim é introduzido no início, e o início no final."

Nossos sábios estabeleceram a correspondência do espírito da vida à visão do olho, assim como aquela do pai (chochmá) à cor branca e a mãe (biná) à cor vermelha na seguinte descrição da formação do homem:

Há três parceiros na [formação do] homem: o Santíssimo, bendito seja, o pai e a mãe. O pai contribui com a brancura, que se transforma nos ossos, tendões, unhas, cérebro e o branco do olho. A mãe contribui com o vermelho, que se torna o sangue, a pele, a carne, o cabelo e o negro do olho. E o Santíssimo, bendito seja, contribui com o espírito [da vida], a alma, o formato da face, a visão dos olhos, a audição dos ouvidos, a fala da boca, o movimento das mãos, o caminhar das pernas, o entendimento e o intelecto.

Resumindo (a respeito do olho):

Nome de D'us	Sefirá	Aspecto do olho	Arquétipo
ponta superior do yud	keter	poder da visão	Divindade
yud	chochmá	branco	Avraham
hê	biná	vermelho (vasos sangüíneos)	Yitschac
vav	da'at e midot	cor da íris	Yaacov
hê	malchut	pupila negra	David

No Zôhar, o segredo do olho, o segredo da visão, é visto como relacionado ao santo dia do Shabat. Em hebraico, a palavra para Shabat é composta de três letras: shin, bet e tav.

A letra shin é formada de três linhas (três vavs, cada um com cabeça, um yud, no topo) elevando-se de uma base comum. Estas três linhas aludem aos três Patriarcas, do povo judeu, Avraham, Yitschac e Yaacov, e portanto a letra shin é chamada de "a letra dos Patriarcas."

As duas letras restantes da palavra Shabat, o bet e o tav, formam a palavra bat, "filha." O shin de Shabat, assim, alude às três cores do olho ao redor da pupila, ao passo que o bet e tav de Shabat aludem à própria pupila.

No Shabat, o dia que alude à revelação do Mundo Vindouro, o olho retificado do homem - que reflete todos os três Patriarcas juntamente com o Rei David - merece visualizar a luz Divina do Shabat, referida na palavra Shabat (que no Zôhar é tirada para ser um Nome de D'us), a qual, quando vista como um todo, manifesta a luz que transcende infinitamente aquela das letras que a compõem.

Para resumir:

Shabat	Arquétipo	Olho	Sefirá
Shabat	Divindade	poder de visão	keter
shin	Avraham	branco	chochmá
	Yitschac	vermelho	biná
	Yaacov	cor da íris	da'at e midot
bet	David	preto	malchut
tav			

### Os dez dedos, a língua e o órgão procriador

A alusão mais evidente às dez sefirot no corpo humano são os dez dedos e os dez artelhos. Esta correspondência aparece no início de Sêfer Yetsirá, o mais antigo texto cabalístico, cujos três primeiros itens (mishnayot) dizem:

1 - Com trinta e duas maravilhosas trilhas de sabedoria, D'us... criou Seu mundo com três livros: "escriba", "livro" e "história."

2 - [Há] dez inefáveis sefirot e vinte e duas letras de fundação: três mães, sete duplas e doze simples.

3 - [Há] dez inefáveis sefirot, correspondentes aos dez dedos, cinco contra cinco, e o único pacto está colocado no meio, na palavra da língua e a circuncisão do órgão procriativo.

Aqui, na terceira mishná do primeiro capítulo de Sêfer Yetsirá, encontramos a primeira descrição das dez sefirot na Cabalá.

A primeira mishná de Sêfer Yetsirá introduz as 32 trilhas da sabedoria em geral; a segunda mishná divide as 32 trilhas em dois grupos gerais de 10 sefirot e 22 letras (que ainda se subdividem em 3 grupos de 3, 7 e 12 letras). Na terceira mishná, o texto começa a lidar explicitamente com as dez sefirot (e continua fazê-lo por todo o restante do primeiro capítulo).

Estas próprias primeiras três mishnayot seguem a ordem das três sefirot do intelecto: chochmá (sabedoria), biná (entendimento) e da'at (conhecimento). A primeira mishná começa com as 32

trilhas da chochmá (o lóbulo direito do cérebro). A segunda mishná analisa e divide estas 32 em sub-grupos, um processo que depende da faculdade intelectual da biná (o lóbulo esquerdo do cérebro). A terceira mishná apresenta um modelo físico concreto para as dez sefirot, empregando assim o poder da da'at (lóbulo posterior do cérebro, no meio), que serve para concretizar a cognição intelectual abstrata da chochmá e da biná.

Além disso, esta mishná apresenta o princípio mais fundamental do tikun (retificação) na Cabalá - o balanceamento e o equilíbrio. O equilíbrio entre os eixos direito e esquerdo das sefirot depende do eixo central das sefirot em geral, e no poder do da'at em particular.

Quando o da'at não é contado como uma das dez sefirot (i.e., quando os dez são contados a partir do keter), serve como ponto de contrapeso entre os dois grupos simétricos das cinco (lado direito) e cinco (lado esquerdo) sefirot. Da'at é capaz de equilibrar e regular os dois grupos de cinco porque ele próprio subdivide-se em duas categorias internas de cinco cada uma: cinco chassadim (forças "positivas" de atração) e cinco guevurot (forças "negativas" de repulsão). Estes dois conjuntos de cinco inerentes ao da'at prevalecem em todo o decorrer da criação. Devem estar regulados e corretamente equilibrados a fim de servirem a seu propósito no processo de retificação da realidade.

Na Torá, o princípio dos "cinco opostos a cinco" encontra sua expressão nas duas tábuas do pacto, dadas a Moshê no Sinai, sobre as quais estavam escritas os Dez Mandamentos - "cinco opoñdo-se a cinco."

Em geral, as cinco forças "positivas" da kedushá (santidade) motivam o desempenho das 248 mitsvot positivas da Torá, ao passo que as cinco "forças negativas" de kedushá fortalecem a alma a abster-se e assim cumprir as 365 mitsvot negativas da Torá. Assim, encontramos o ensinamento geral de nossos sábios "a mão esquerda deve sempre repelir e a mão direita deve aproximar."

O segredo da "pacto único" (ou o "pacto do único") que aparece em dois níveis - na língua (para equilibrar os dez dedos) e no órgão procriador (para equilibrar os dez artelhos) - é assim, a manifestação do poder de da'at "acima" e "abaixo."

Da'at "acima" - na Cabalá, da'at elyon - é a perspectiva retificada, concreta, sobre toda a realidade "a partir de cima": o próprio Criador é a verdadeira essência de todo ser, ao passo que a "realidade virtual" da criação vista como existindo independentemente é na verdade "nada." Da'at "abaixo" - na Cabalá, da'at tachton - é a perspectiva da criação de seu Criador como uma "doação" absoluta, porém totalmente "desconhecida."

Moshê, o mais notável de todos os homens, é chamado "o homem de D'us," que é interpretado por nossos sábios como significando: "a partir de seu 'ponto mediano' e acima, [ele era] D'us; e de seu 'ponto mediano' e abaixo, [ele era] homem." Moshê une e integra completamente os dois níveis de da'at (como será explicado), o poder de perceber a realidade através dos "olhos de D'us" (sendo este o significado de "a partir de seu ponto mediano e acima, [ele era] D'us"), bem como o poder de "humildemente" conhecer D'us o Criador da pessoa, sob o ponto de vista do homem (o significado de "a partir do 'ponto mediano' e abaixo, [ele era] homem").

A expressão externa do da'at mais elevado é através dos meios da fala da língua, especialmente quando falando palavras de Torá em geral, e revelando os mistérios interiores da Torá, em especial. Quando a Moshê, este é o segredo de a "Shechiná [Presença Divina] falar através da garganta de Moshê."

A expressão externa do da'at inferior é pela união de marido e mulher (para procriar), como mencionado na união original de homem e mulher: "E Adão *conheceu* Eva, sua mulher." (Relações

conjugais são mencionadas como "conhecer" somente quando o órgão procriador é circuncidado, e na verdade, aprendemos que Adão foi criado já circuncidado.)

O recato presente na sagrada união entre marido e mulher reflete o "não conhecimento" da essência do Criador por Sua criação, especialmente naquele exato momento em que a criação deve imitar seu Criador - o momento da procriação - ligando-se à Sua *indubitável* existência. Este é o momento em que o "homem" atinge sua epítome (cumprindo o primeiro e único mandamento dado a ele por D'us no momento da criação: "crescei e multiplicai-vos...").

Do acima exposto, aprendemos que a "língua" e o "órgão procriador" (as duas manifestações do "pacto único" - a união entre D'us e o homem) estão interrelacionadas em essência. A partir daí podemos deduzir que sua "retificação" é interdependente. A "correção" da faculdade da fala de uma pessoa (para falar somente palavras boas e "doces") e a "guarda" do pacto do órgão procriador da pessoa (para expressar o verdadeiro amor de alguém pelo cônjuge nas relações conjugais em santidade), dependem e influenciam um ao outro. Por este motivo, os dois termos: "a palavra (em hebraico, milá) da língua" e "a circuncisão (em hebraico, milá) do órgão procriador," são a mesma.

O modelo mais básico do serviço Divino, conforme ensinado pelo Báal Shem Tov, é o processo de três estágios de chash, mal, mal - "silêncio, circuncisão, e fala" (equivalente a "submissão, separação e suavização"). Os dois últimos estágios, circuncisão e fala, correspondem aos dois níveis mencionados em nossa mishná: "a circuncisão do órgão procriador" e "a palavra da língua."

O primeiro estágio do serviço Divino - chash ou silêncio - também aparece na frase de abertura da mishná: "dez sefirot *inefáveis*." A palavra para "inefável" - blima - aparece subsequente ao texto, como "feche sua boca e não fale," referindo-se assim ao serviço de chash (que deve preceder aqueles de mal-mal). Dessa forma, descobre-se que a ordem do serviço Divino é que primeiro a pessoa deve meditar, em silêncio, nos mistérios das "dez sefirot inefáveis" e então realizar o potencial de seu da'at inferior (similar ao humano) e seu da'at superior (similar ao de D'us).

### **O da'at superior e inferior**

Continuando nosso estudo da terceira mishná em Sêfer Yetzirá, encontramos que é constituída de vinte e dois elementos:

- dez dedos, correspondendo às dez sefirot do mundo de Atsilut, o mundo cuja consciência é exclusivamente de da'at elyon;
- dez artelhos, correspondendo às dez sefirot do mundo de Beriá (e os mundos inferiores), cuja consciência é de da'at tachton; e
- dois pontos de equilíbrio - a língua e o órgão procriador.

Podemos associar os vinte e dois elementos acima do corpo físico com as vinte e duas letras hebraicas, esquematizando a seguinte representação (a língua acima dos dez dedos, e o órgão procriador acima dos dez artelhos):

א

בגדהו זחטיכ

ל

מנסעפ צקרשת

Vemos por este diagrama que as duas letras que correspondem ao "único pacto" (manifestado em seus dois níveis) - alef e lamed - combinam-se para formar o Nome Divino E-I. Este é o Nome Divino que aparece no versículo:

D'us [Havaya] é um D'us [E-I] de dois [níveis de] conhecimento.

Este versículo (na canção de agradecimento Chana, entoada após o nascimento de Samuel) é a fonte bíblica para a existência de dois níveis de da'at, conforme descrito no capítulo 8. Assim, os dois níveis de da'at são referidos nas duas letras do nome de D'us:E-I, as duas letras que aparecem nos locais das duas manifestações do "pacto único" como explicado acima:

- Alef - corresponde à sabedoria intuitiva e percepção da mente, como está escrito: "Eu te ensinarei [alef] a sabedoria";
- Lamed - corresponde ao poder emotivo do coração, pois a letra lamed no decorrer de toda a Torá representa o "coração" (lev).

Assim, aprendemos que a percepção interior da mente (a consciência de da'at elyon) encontra sua expressão externa na língua, ao passo que a emoção interior (amor) do coração (da'at tachton) encontra sua expressão externa no órgão procriador.

Quando as mãos são levantadas (como as mãos dos sacerdotes quando estão abençoando o povo), a língua (que abençoa) está entre os dez dedos. Porém, quando as mãos estão abaixadas, é o órgão procriador que está entre os dez dedos. Da mesma forma, encontramos na Bíblia uma expressão idiomática da língua "caminhar", como os pés.

Embora tenha sido explicado acima que o da'at superior do alef serve para equilibrar os dez dedos - as dez sefirot do mundo de Atsilut - e o da'at inferior do lamed serve para equilibrar os dez artelhos - as dez sefirot do mundo de Beriá (e os mundos inferiores) - vemos aqui que também existe uma relação entre o da'at superior (a língua) e os mundos inferiores (os artelhos), e o da'at inferior (o órgão procriador) e os mundos superiores (os dedos).

A união das sefirot celestiais de Atsilut faz nascer a consciência do da'at inferior em Beriá e abaixo. O serviço das almas nos mundos inferiores revela, em última instância, o da'at superior na terra.

Além disso, o alef e o lamed - o da'at superior e o da'at inferior - da língua e do órgão procriador, às vezes se invertem. As emoções do coração encontram sua expressão nas palavras da língua. A essência embrionária da mente "contraí-se" na semente do órgão procriador.

Podemos agora entender por que a ordem das duas manifestações do "pacto único" conforme citado em nossa mishná é primeiro "a palavra da língua" e em seguida "a circuncisão do órgão procriador" (apesar de que seguindo-se a ordem do serviço Divino de chash-mal-mal descrito acima, "a palavra da língua" vem depois de "a circuncisão do órgão procriador"). Finalmente, a revelação da essência Divina (na terra) depende da retificação e da santificação da "circuncisão do órgão procriador."

### **O centro de energia - Pontos de contato do corpo**

Na seção anterior, vimos que "o pacto único está colocado no meio, na palavra da língua e na circuncisão do órgão procriador." Estes dois pontos - a língua e o órgão procriador, na verdade os dois pontos essenciais do "intercurso" - são os dois centros primários de energia, ou pontos de contato, situados ao longo da linha mediana do corpo.

Na Cabalá, a energia emitida a partir de cada um destes centros ou pontos de contato funde-se com aquela da alma-gêmea da pessoa para procriarem. O poder de procriar fisicamente brota do ponto mais baixo, inferior, ao passo que o poder de procriar espiritualmente brota do ponto mais elevado da boca e língua. Aprendemos que humanos (seres materiais) são criados a partir da união inferior dos órgãos procriadores, ao passo que anjos (seres espirituais) são criados a partir da união de "boca a boca," pelo poder do beijo (a expressão mais íntima da "palavra da língua").

Somos ainda e ensinados na Cabalá que existe uma centro adicional de energia - ou ponto de contato - o ponto central do peito, o ponto de contato do "abraço." Este ponto, relativo aos pontos acima e abaixo dele, representa um nível intermediário de energia conectiva, mais material que aquele do ponto acima, porém mais espiritual que aquele do ponto abaixo dele. Aqui, o anjo desce para vestir-se numa forma corpórea e terrena.

Na prática meditativa - o esforço espiritual da alma para contactar e tornar-se um com D'us - a Cabalá e a Chassidut ensinam que, da mesma forma que a união de duas almas gêmeas, deve-se começar a partir do ponto médio, o ponto do abraço; para ascender ao ponto mais elevado, o beijo; e finalmente para descer ao ponto inferior, o verdadeiro estado de apegar-se ao ser amado para tornarem-se um (como em Bereshit: "e ele se apegará à sua mulher e se tornarão uma só carne").

Para continuar nossa jornada cabalística, cada mundo ou estado completo, auto-contido da realidade, possui cinco figuras com forma humana (partsufim): O Ancião, o pai, a mãe, o filho (ou noivo) e a filha (ou noiva). Como cada um desses possui todos os três centros de energia ou pontos de contato descendo na linha central, cada mundo no total possui quinze centros de energia ou pontos de contato.

De fato, cada um de nós, criado à imagem de D'us, reflete, em corpo e alma, todas as cinco figuras Divinas, razão pela qual todo judeu é considerado como sendo "um mundo completo". E assim, podemos identificar, especificamente, quinze centros de energia ou pontos de contato descendo a linha central do corpo humano.

Na Cabalá, todo estado meditativo e esforço espiritual para despertar energias e criar uniões relaciona-se a uma prece específica a D'us. A meditação dos quinze pontos de contato é a "intenção" da prece, que segue o recital do Shemá a cada manhã. O texto da prece - confirmando a verdade absoluta de nossa fé judaica, que encontra sua expressão no recital do Shemá - começa com a palavra emet (verdade) e é seguido por quinze palavras, das quais todas são sinônimos ou variações do conceito "verdade," cada uma das quais prefaciada pela letra vav ("e," implicando energia conectiva; como uma palavra, vav significa "um gancho").

Refere-se à linha central do corpo ou ao eixo médio das sefirot celestiais em geral como emet. A verdade suprema não é nem direita nem esquerda; é o poder que une a direita e a esquerda para

tornarem-se uma. Isso deriva da origem do "centro" que transcende tanto os estados antitéticos de direita e esquerda. Possui um espectro completo de quinze "colorações," refletidas no corpo como quinze pontos descendo sua linha central.

Os quinze pontos dividem-se em cinco grupos de três, cada grupo correspondendo a uma das cinco figuras primárias do completo "mundo" humano. O primeiro grupo de três compreende: (1) o ponto no topo do crânio, (2) o ponto onde o cabelo encontra a testa (o lugar acima do qual é colocado o tefilin da cabeça), e (3) o ponto do meio da testa (mencionado como o ponto essencial da "testa da vontade"). Todos os três destes pontos incorporam energia supra-racional; todos estão acima dos olhos, o início da percepção consciente. Correspondem aos três pontos (figurativamente: boca, peito e órgão procriador) do Ancião (acima do pai e da mãe - chochmá e biná, a mente racional).

O próximo grupo de três é: (1) o ponto entre os olhos (a "boca" da sabedoria), (2) o ponto do nariz, e (3) a reentrância acima do lábio superior (o ponto que o anjo toca antes do nascimento para fazer que a pessoa esqueça toda a Torá que aprendeu no útero). Estes são os três pontos (boca, peito e órgão procriador) do pai.

Em seguida vem (1) a ponta da língua na boca, (2) o ponto do queixo, e (3) o ponto central da garganta. Estes são os três pontos (boca, peito e órgão procriador) da mãe.

Depois vem (1) o ponto entre os ombros, (2) o ponto central do tórax superior (a que se refere como "o pássaro da alma"), e o ponto central do (baixo) tórax (o ponto essencial do peito, o ponto de abraço acima descrito). Estes são os três pontos (boca, peito, e órgão procriador) do filho.

Finalmente, vem (1) o ponto do umbigo (a "boca" durante a gravidez), (2) o ponto do baixo abdômen (o ponto do útero) e (3) o ponto do órgão procriador (masculino). Estes são os três pontos (boca, peito e órgão procriador) da filha.

As palavras hebraicas para estes quinze pontos são: (1) veyatsiv (firme), (2) venachon (estabelecido), (3) vecayam (resistente), (4) veyashar (reto), (5) vene'eman (fiel), (6) ve'ahuv (amado), (7) vechaviv (prezado), (8) venechmad (precioso), (9) vena'im (agradável), (10) venorá (reverenciado), (11) ve'adir (poderoso), (12) umetucan (correto), (13) umecubal (aceitável), (14) vetov (bom), e (15) veyafê (lindo).

Resumindo:

Palavras hebraicas		Partzuf	Corpo	
veyatsiv	firme	O Ancião	boca	topo do crânio
venachon	estabelecido		peito	onde cabelo encontra testa
vecayam	resistente		órgão procriador	meio da testa
veyashar	reto	pai	boca	entre os olhos
vene'eman	fiel		peito	nariz
ve'ahuv	amado		órgão procriador	reentrância acima do lábio superior
vechaviv	prezado	mãe	boca	ponta da língua

venechnad	precioso		peito	queixo
vena'im	agradável		órgão procriador	centro da garganta
venorá	reverenciado	filho	boca	entre os ombros
ve'adir	poderoso		peito	ponto central do tórax superior
umetucan	correto		órgão procriador	ponto central do baixo tórax
umecubal	aceitável	filha	boca	umbigo
vetov	bom		peito	baixo abdômen (útero)
veyafê	lindo		órgão procriador	órgão procriador masculino

### Sistemas fisiológicos segundo a Cabalá - Modelo um

*...Disse D'us a estes ossos: "Vejam, trarei o espírito em vós e vivereis. E colocarei vasos sangüíneos em ti e farei crescer carne em vós, e vos cobrirei com pele. E vos darei espírito e vivereis, e sabereis que Eu sou D'us."*

Na passagem acima, de Ezequiel 37, vemos uma representação em quatro níveis do corpo - ossos, vasos sangüíneos, carne e pele - e um quinto nível, espiritual, que dá vida ao corpo - o espírito. O modelo mais apropriado para a análise comparativa desta estrutura é o nome de quatro letras, essencial, de D'us, com o ápice do yud formando o quinto nível transcendente.

O primeiro dos quatro estágios, o yud, alude ao ponto essencial e básico da consciência, porquanto a forma da letra yud é a mais compacta de todas as letras hebraicas, servindo como seu âmago estrutural. Frequentemente usado para representar uma semente, o yud na vida do corpo pode ser visto como seus ossos (especialmente a "semente" do corpo está na medula óssea, como será explicado). O sistema ósseo, o esqueleto, a estrutura mais básica do ser humano, apóia todos os sistemas fisiológicos adicionais que sobre ele está colocado. Além disso, a palavra hebraica para "osso" (etsen) significa também "próprio" ou "essência," que espiritualmente refere-se ao âmago de nosso ser. Fisicamente, isso torna-se manifesto como o centro da estrutura do corpo.

O nível seguinte desta meditação cai sobre o primeiro hê do nome de quatro letras de D'us. O hê é entendido como sendo uma letra tri-dimensional com os dois lados anexos projetando comprimento e largura, enquanto a terceira dimensão está sugerida no pé destacado que aprendemos a imaginar como uma linha correndo através da página, manifestando assim a dimensão de profundidade. Acima de tudo, a letra hê refere-se à expansão, em todas as três dimensões do corpo físico, do ponto da essência, que aqui é visto como o sistema esquelético. Em termos espirituais, o hê corresponde à biná, o entendimento no coração que espalha-se para dar vida a todo o corpo, (i.e., "motivar" suas múltiplas funções). Dessa maneira, fisicamente, o primeiro hê do nome de D'us reflete o sistema circulatório - a básica comunicação interior de força de vida dentro do corpo - o "entendimento" interno e a autoconservação do corpo.

Em seguida, o vav no nome de D'us refere-se às emoções básicas ou atributos do caráter, dos quais existem seis - o equivalente numérico da letra vav em hebraico. Os atributos do caráter de uma pessoa relativos a seu entendimento são como a carne de uma pessoa que preenche todo seu corpo (o vav, especificamente, corresponde ao tiferet, que é o torso, o "tronco" do corpo) mas que em si mesmo está repleto com os vasos sangüíneos e os reveste.

Finalmente, a pele, como a camada mais externa e revestimento exterior do corpo, exibe a aparência superficial que afeta os outros, dessa forma servindo perfeitamente como o "reino" das quatro divisões gerais do corpo.

Toda vez que este sistema de quatro níveis é utilizado para contemplar a "existência," sempre há um quinto nível, mais elevado e abrangente, que estimula os outros quatro. Este quinto nível é visto como a fonte da existência, e no caso do corpo, é o espírito de vida, que vem para animar todos os outros níveis. Como veremos agora, isto corresponde ao sistema respiratório. O seguinte mapa resume o modelo geral que descrevemos.

O espírito da vida (respiração)	keter - coroa	espinho do yud
Ossos	chochmá - sabedoria	yud
Vasos sangüíneos	biná - entendimento	hê
Carne	midot - atributos do caráter	vav
Pele	malchut - reino	hê

### **Sistemas fisiológicos segundo a Cabalá - O modelo extensivo (1)**

Da análise básica do corpo no capítulo anterior, podemos prosseguir a uma análise mais detalhada, onde cada uma das dez propriedades da alma está explicitamente relacionada a um sistema fisiológico no corpo. Quanto aos vários modelos, quando analisados paralelamente à estrutura básica de referência da Cabalá, as dez sefirot, as dez propriedades gerais da alma, subdividem-se ainda no decorrer da análise - nesta apresentação, elas estão na verdade divididas em doze categorias, quando vistas como correspondendo aos sistemas fisiológicos básicos do corpo.

A primeira propriedade, a coroa super-consciente, corresponde ao sistema respiratório, o condúite físico por meio do qual o espírito da vida entra no corpo. Quando D'us criou o homem, Ele "formou o homem do pó da terra, e soprou em suas narinas o sopro da vida." O sopro da vida vem de D'us nas alturas, a fonte de toda a vida. Ao respirar, interiorizamos aquilo que nos é exterior; inalamos daquilo que está acima de nós. A palavra hebraica para "inalar" (she'ifá) significa também "aspiração." Assim, respirar é uma expressão do desejo inato da alma de ascender e ir além de seu "eu" consciente, até o reino de sua conexão super-consciente com a Divindade (conforme vivenciado em sua fé, prazer e vontade super-rationais).

Chochmá, o yud no Nome de D'us, corresponde à medula óssea. Importante pesquisa médica atualmente considera a medula óssea como um sistema em si mesmo. A medula óssea é responsável pela produção de células do sangue - a unidade biológica mais fundamental no corpo. Assim como a medula óssea produz estas células sanguíneas, assim, também, tudo se origina na chochmá, pois "Tu fizeste tudo com sabedoria."

Biná, que está no lado esquerdo da árvore sefirótica, está associada ao próprio sangue, atualmente considerado como sendo um sistema fisiológico em si mesmo (além do sistema dos vasos sanguíneos). Biná, que significa "construir," recebe sua matéria prima da chochmá, a medula óssea, expandindo sua informação codificada. Na Cabalá, biná é mencionada como a "mãe" cujas contribuições básicas à formação da criança são os aspectos vermelhos de seu corpo, como está declarado no Talmud. Em contraste, chochmá é mencionada como o "pai," que gera os aspectos brancos do corpo, tais como os ossos.

Estes dois sistemas fisiológicos relativamente abstratos - a medula óssea e o sangue - assumem os papéis gerais de "pai" e "mãe" no corpo, e funcionam juntos em perfeita união. Na Cabalá, a

contínua união dos princípios "pai" e "mãe" é responsável pela contínua criação da realidade. Nas palavras do Zôhar, o pai (aqui, a medula óssea) e a mãe (neste caso, o sangue) são "os dois parceiros que jamais se separam." Sua união, expressando o poder criativo da alma viva, é contínuo - a medula óssea cria continuamente novas células sanguíneas.

A sefirá diretamente sob a chochmá no eixo direito da árvore das sefirot é chessed. Chessed é personificada pelo primeiro judeu, Avraham, como está escrito no versículo: "Dê bondade a Avraham." O valor numérico do nome de Avraham (248) é equivalente ao número de ossos do corpo, o que está detalhado na Mishná. Este é também o número de mandamentos positivos da Torá. Conseqüentemente, chesed, o atributo de Avraham, identifica-se com o sistema do esqueleto.

A frase "o D'us [ou fonte de vida] de Avraham" é entendida na Cabalá como referindo-se à força abobadada acima de Avraham, o poder da chochmá localizado na árvore sefirótica no eixo direito das sefirot acima do poder de chessed. Os ossos do corpo agem como os vasos, ou recipientes para o nível mais abstrato da medula óssea. Assim, "o D'us de Avraham" refere-se ao sistema da medula óssea acima do sistema do esqueleto.

Enquanto biná refere-se ao sangue, é a propriedade da guevurá, ou restrição - localizada exatamente sob a biná no eixo esquerdo da árvore sefirótica - que dá "forma" e direção ao sangue, controlando sua circulação por todo o corpo. O poder de restrição canaliza o sangue e o dirige a vasos específicos, que segundo a Cabalá, são as 365 artérias e veias principais correspondendo aos 365 dias do ano solar e aos 365 mandamentos negativos da Torá. Embora pudéssemos a princípio considerar o sangue e vasos sanguíneos como um único sistema, eles são agora entendidos como sendo dois sistemas separados, conforme mencionado acima. Na Chassidut, aprendemos que a força de contração (guevurá) que os vasos sanguíneos exercem sobre o próprio sangue servem para fortalecer a força vital inerente no sangue.